

"EDUCAR É ESFOLAR", DE MENANDRO

Milton L. Torres

A máxima “educar é esfolar” deriva de um monóstico de Menandro (342-290 a.C.), único poeta da nova comédia ática a nos legar uma peça completa. A frase não vem, porém, de um drama, pois Menandro era também famoso como criador de máximas. De fato, é em sua sentença 1.422 que a encontramos: Ὁ μὴ δαρεῖς ἄνθρωπος οὐ παιδεύεται, “não se educa uma pessoa sem esfolar-la” (MENANDER, 1970, v. 4). De acordo com Tosi (2000, p. 169), trata-se de “um princípio pedagógico conhecido na Antiguidade”.

O verbo grego *derô* (“esfolar”), quando usado em relação aos animais, tem o sentido de “arrancar a pele”. Quando empregado, porém, em relação às pessoas, seu significado, em geral, é o de aplicar uma surra até que a pele dê evidência disso. Em decorrência desse fato, temos ainda outro antigo provérbio educacional em que o verbo aparece no sentido de “bater”, um provérbio coletado por Miguel Apostólio (12.91.1-3), educador

e copista que viveu no século XV: Ὁ πηλὸς ἦν μὴ δαρῆ κέραμος οὐ γίνεται, ὅτι ἐκ τῶν πόνων καὶ παθημάτων οἱ ἄνθρωποι τελειότεροι γίνονται, “o barro que não é batido não vira vaso, pois é pelas dificuldades e pelos sofrimentos que a pessoa se aperfeiçoa”.

Embora não ocorra originalmente numa comédia de Menandro, o verbo dessa máxima aparece, com frequência, no contexto cômico. É o caso do verso 370, de **Cavaleiros**, a peça de Aristófanes (1998, p. 276-277): Δερῶ σε θύλακον κλοπῆς, “vou arrancar o seu couro para fazer com ele uma sacola de roubo”, ameaça dirigida pelo anti-herói paflagão ao salsicheiro. É também um dos métodos de tortura que Xântias recomenda que Éaco use contra Dioniso, no verso 619 da peça **Rãs** (ARISTOPHANES, 2002, p. 108-109). E o uso do termo nas comédias não se limita a Aristófanes. Além dele, encontramos o verbo num fragmento do comediógrafo Anaximandres (13.9): κλάεις, ἐγὼ δ’ ἦδιστ’ ἀποκτείνας δέρω, “você está chorando, mas eu, feliz da vida,

vou matar você e, depois, esfolar”. Menandro, porém, não emprega o verbo da máxima em nenhum outro lugar, o mais próximo de seu significado ocorrendo em um de seus fragmentos cômicos: ὑπελήλυθέν τέ μου νάρκα τις ὅλον τὸ δέρμα, “me sobreveio uma dormência em toda a pele” (MENANDER, 1959, v. 2).

OS PROVÉRBIOS DE MENANDRO

Na Grécia antiga, o recurso a provérbios, especialmente durante performances dramáticas, emprestou grandes contribuições para o desenvolvimento da filosofia e para a invenção da retórica, principalmente em relação aos mecanismos do abuso cômico e à apresentação que heróis, tiranos e demagogos faziam de si mesmos (MARTIN, 2005, p. 22). Del Corso (2016, 271-272) afirma que os gregos antigos nos legaram apenas duas coleções estruturadas de literatura gnomológica, isto é, provérbios: uma atribuída a Menandro e a outra, a Estobeu. Em ambas, os ditos aparecem sob a forma de poesia (embora nem sempre em monósticos) ou em prosa (caso em que formam anedotas de poucas linhas nos moldes da tradição filosófica). Atribuem-se especificamente a Menandro mais de 700 monósticos, conquanto não seja possível determinar sua autenticidade em cada caso (LESKY, 1985, p. 677).

Segundo Trypanis (1981, p. 262), os provérbios de Menandro “mostram, em geral, como viver a vida sem exigir muito dela”. Quinn (1949, p. 492) os divide em três categorias principais: provérbios sobre os deuses, sobre o mundo e sobre o ser humano, sendo este último “sua principal preocupação”. Quinn (1949, p. 492) divide esse último grupo de provérbios em três subgrupos: provérbios sobre as relações do ser humano com os deuses, com outros seres humanos e consigo. De modo geral, sobressai a ideia de que Menandro era compreensivo para com as dificuldades que os seres humanos enfrentavam em seu caminho. Por isso, fez declarações como a do fragmento 499: ἄνθρωπος ὦν ἤμαρτον· οὐ θαυμαστόν, “como sou humano, errei; nenhuma surpresa nisto” (MENANDER, 1959, v. 3).

Embora tenha se notabilizado com as mais de cem peças teatrais que escreveu, a primeira das quais escrita antes dos vinte anos de idade, Menandro adquiriu uma imaculada reputação de sábio (HADAS, 1965, p. 189-190). Trata-se de um dos autores mais citados da Antiguidade. De fato, duas de suas máximas se tornaram mundialmente conhecidas: φθείρουσιν ἤθη χρησθ’ ὁμίλῳι κακαί, “as más conversações corrompem os bons costumes” (sentença 1.738) e ὄν οἱ θεοὶ φιλοῦσιν, ἀποθνήσκει νέος, “morre jovem aquele a quem os deuses amam” (sentença 1.425). Além disso, há certo consenso de que a famosa e bela frase de Terêncio, *homo sum: humani nil a me alienum puto*, “sou homem e nada do que toca o homem julgo que me seja alheio”, tenha sido apenas uma tradução latina de um original grego de Menandro (LESKY, 1985, p. 692). Finalmente, talvez seja, com a possível exceção de Platão, o autor pagão ao qual os escritores do Novo Testamento

mais aludem, embora anonimamente: Romanos 8:37; 1 Coríntios 15:33; 1 Timóteo 1:15; 1 Timóteo 4:9 e Hebreus 3:3 (OLDFATHER; DALY, 1943, p. 202; MINN, 1974, p. 93-98; RANCE, 2008, p. 200).

Um ponto importante, aqui, é que Menandro se tornou uma voz muito influente na Antiguidade tardia, quando chegou a ser considerado o segundo poeta mais influente da Grécia, atrás apenas de Homero, e sua sutileza para tratar dos temas aos quais se dedicava foi considerada mais perigosa até do que a obscenidade aberta de Aristófanes (TRYPANIS, 1981, p. 257). Plutarco (1936), por exemplo, lhe faz o seguinte elogio, em seu tratado intitulado **Comparação entre Aristófanes e Menandro** (854a-b):

ὁ δὲ Μένανδρος μετὰ χαρίτων μάλιστα ἑαυτὸν αὐτάρκη παρέσχηκεν, ἐν θεάτροις, ἐν διατριβαῖς, ἐν συμποσίοις, ἀνάγνωσμα καὶ μάθημα καὶ ἀγώνισμα κοινότατον ὧν ἡ Ἑλλάς ἐνήνοχε καλῶν παρέχων τὴν ποιήσιν.

Mas Menandro, com sua graça, mostra-se, acima de tudo, satisfatório: nos teatros, nas escolas e nos banquetes, ele fez de sua poesia o assunto mais aceito para leituras, para instrução e para competições dramáticas entre todas as belas obras que a Grécia produziu.

Tão grande era sua importância como sábio e dramaturgo que Lesky (1985, p. 675) afirma que “seria inconcebível uma Atenas sem Menandro”.

Lesky (1985, p. 692) entende que as máximas de Menandro revelam “a estirpe grega” como “a mais fina floração da natureza humana”; apesar disso, entende que mostram também que “não é o lugar do nascimento que diferencia as pessoas, mas a disposição para o bem”, pois “todos são iguais por natureza, é só o caráter que forja a maneira peculiar de ser”. Não é à toa que o poeta exclama (na sentença 1.562): Ὁς χάριέν ἐστ’ ἄνθρωπος ὅταν ἄνθρωπος ᾖ, “que lindo é o homem, quando ele é mesmo um homem” (MENANDER, 1970, v. 4).

AS COMÉDIAS DE MENANDRO

Menandro, o autor do monóstico em que se insere a máxima “educar é esfolar”, se notabilizou como poeta sapiencial, isto é, autor de ditos de sabedoria, e como dramaturgo. No entanto, sua especialidade era a assim-chamada “comédia nova”, termo cunhado para diferenciá-la da “comédia antiga”. A comédia nova, peculiar ao final do século IV a.C., tinha inspiração “na família e nos problemas pessoais de seus membros”, enquanto a comédia antiga, que floresceu no século V, se voltava para os temas políticos (O’BRYHIM, 2001, p. 85). Por causa de sua temática pessoal e doméstica, Minois (2003, p. 38) chama a comédia de Menandro de “comédia *soft*”.

Primeiramente, então, a sabedoria de Menandro fica evidente em suas inúmeras máximas. Entretanto, ela não diminui em suas peças teatrais. O problema, porém, é que não conseguimos apreciar esses dramas como convém, pois eles são surpreendentemente classificados como comédias. Segundo Hadas (1965, p. 191-190), é verdade que têm

várias características tradicionais das comédias, mas, para o gosto moderno, “trata-se de dramas sérios”. Contudo, independentemente de sua classificação, tais dramas oferecem “uma iluminadora exibição da interação entre seres humanos que lidam com problemas de fato pertinentes e não com alguma abstração” (HADAS, 1965, p. 190). Em realidade, Menandro demonstra “um interesse sério pelos personagens”, oferecendo-os ao público como se estivessem em um retrato (EASTERLING; KNOX, 1985, p. 459). Apesar disso, Menandro não proporciona nenhuma análise psicológica de seus personagens, que são invariavelmente apresentados com uma mistura de simpatia e ironia, mas sem qualquer conexão com eventos contemporâneos, mesmo em “um dos momentos mais agitados da história antiga” (LESKY, 1985, p. 674), razão pela qual Trypanis (1981, p. 261) afirma que seu teatro não se liga “a nenhuma causa”. Segundo Lesky (1985, p. 675), a comédia merece o título de “espelho da vida”; no entanto, no caso de Menandro, ao contrário de Aristófanés, “essa vida não é a vida pública”.

Menandro usa o princípio que subjaz à máxima “educar é esfolar” também em sua única comédia inteiramente preservada desde a Antiguidade. Trata-se dos versos 699-670 de sua peça **Mal-Humorado** (*Dyscolus*): τὰ κακὰ παιδεύειν μόνα ἐπίσταθ’ ἡμᾶς, “só as dificuldades sabem nos ensinar” (MENANDER, 1972). Nessa peça, inclusive, Menandro faz uso abundante de provérbios, pois “não são apenas a personificação da sabedoria popular; nas mãos do poeta, eles também se tornaram um dispositivo literário que distingue a estratégia narrativa menandreana” (TZIFOPOULOS, 1995, p. 177).

A peça conta a estória de Cnemon, um velho mal-humorado que mora com a filha e a criada. A esposa de Cnemon era viúva de um primeiro marido, com o qual tivera um filho chamado Górgias. Logo depois de dar à luz sua filha, a mulher havia deixado Cnemon sob a alegação de maus tratos e havia ido morar com o filho. “As duas casas são a imagem espelhada uma da outra: pai, filha e serva em uma casa e mãe, filho e servo na outra” (O’BRYHIM, 2001, p. 91). O deus Pã fica com pena da moça crescendo sozinha na companhia de um pai tão irritadiço e faz com que um rico rapaz ateniense chamado Sóstrato se apaixone por ela. Sóstrato envia um servo para interceder por ele junto ao velho, que o expulsa de sua propriedade. Górgias pede, então, a Sóstrato que fique longe da moça para evitar problemas, pois Cnemon havia anunciado que só iria permitir que a filha se casasse com uma pessoa exatamente igual a si próprio. Sóstrato veste um casaco áspero e vai trabalhar no campo sob a orientação de Górgias na pretensão de se tornar igual a Cnemon. Com a ajuda de Sóstrato, Górgias salva Cnemon de uma queda no poço e o velho, comovido, lhe diz para encontrar um marido para a moça, pois já havia desistido de lhe achar um pretendente semelhante a si. Sóstrato e Górgias fazem o acordo de se casarem um com a irmã do outro. Enganado pelo bronzeado de Sóstrato, o velho concorda com o casamento, mas se recusa a comparecer à cerimônia. No entanto, os servos de Sóstrato, que o velho havia agredido antes, deixam a festa de casamento e vão até a casa de Cnemon para se vingar, obrigando-o, apesar de seus ferimentos pela queda no poço, a

dançar com eles. Para escapar dessa tortura, o velho concorda em ir à festa de casamento, o que faz com que os servos celebrem sua vitória sobre o misantropo e o final da peça.

É Cnemon quem pronuncia as palavras “só as dificuldades sabem nos ensinar” após ser salvo do poço e é enquanto ainda está relutante em ceder a mão da filha em casamento, que Górgias lhe apresenta o moço como sendo aquele que o ajudou a tirá-lo do poço. É esse fato que o convence a concordar com as núpcias e lhe proporciona a redenção final. Enquanto medita em sua situação, Cnemon confessa: οὕτω σφόδρα διεφθάρμην ἐγώ (v. 718), “eu tinha me lascado mesmo” (MENANDER, 1972). O recurso ao mais-que-perfeito do verbo *diaphtheirô* sugere a completa compreensão não apenas de que a queda no poço o havia colocado em maus lençóis, mas também a possibilidade de que estivesse, de alguma forma, arrependido de seu comportamento briguento.

No caso de Cnemon, a máxima “só as dificuldades sabem nos ensinar” se provou inteiramente verdadeira. Em primeiro lugar, os versos 327-337 descrevem a vida árdua do fazendeiro que cuida de uma enorme propriedade sem a ajuda de servos ou empregados, com a exceção da filha que trabalha com ele no campo. Note-se que esse sofrimento é “autoinfligido”, pois o lucro com a plantação seria suficiente para que ele contratasse ajudantes (O’BRYHIM, 2001, p. 105). Em segundo lugar, a reforma que experimenta e o liberta de sua misantropia só é possível como consequência de duas experiências inteiramente desagradáveis: a queda no poço e a humilhação diante da tortura que os servos lhe impõem no final da peça. No desfecho, Cnemon “passa voluntariamente pela porta e, no interior do santuário, voluntariamente se integra ao mundo social e à família que recebeu o recente acréscimo e da qual não mais pode se separar” (LOWE, 1987, p. 133-134). Segundo Hunter (2010, p. 191),

É uma situação deliciosamente irônica que o acidente que destruiu a ilusão de autossuficiência completa de Cnemon também tenha permitido que se despojasse das obrigações em relação à filha, entregando-a aos cuidados de Górgias. Ele finalmente atingiu o isolamento total. É dessa posição solitária que ele ofereceu sua receita contra os males do mundo:

εἰ τοιοῦτοι πάντες ἦσαν, οὔτε τὰ δικαστήρια

ἦν ἄν, οὔθ’ αὐτοὺς ἀπήγον εἰς τὰ δεσμωτήρια,

οὔτε πόλεμος ἦν, ἔχων δ’ ἄν μέτρι’ ἕκαστος ἡγάπα. (*Dyscolus*, versos 743-745).

Se todos fossem como eu, não haveria tribunais, os homens não se prenderiam uns aos outros, nem haveria guerra. Todos teriam o suficiente para viver e se contentar.

O’Bryhim (2001, p. 103) celebra o sucesso moralizante dessa peça na qual “todos os personagens” se encaixam inicialmente em uma de duas categorias: “a dos ricos malevolentes” e a dos “pobres ressentidos”; porém, os protagonistas “logo descobrem que esses estereótipos têm por base critérios superficiais, como estilos de roupa, estatuto econômico e a localização de suas casas”. Ou seja, a peça alcança notável sucesso em

mostrar que não são os elementos externos que revelam o caráter das pessoas, mas a coerência de seus atos e seus traços de personalidade.

A esse respeito, Hunter (2010, p. 185) entende os aspectos moralizantes da nova comédia como “reflexões gerais sobre o comportamento humano e as leis que governam os relacionamentos humanos” e conclui que “os antigos consideravam perfeitamente normal buscar consolo moral e orientação no trabalho dos poetas, e particularmente na Comédia Nova foi descoberta uma grande quantidade de trechos voltados para temas edificantes”. Além disso, Hunter (2010) nos esclarece que os antigos faziam isso sem respeitar o contexto dramático e, às vezes, até irônico e engraçado, dessas citações edificantes. Assim, explica, por exemplo, que máximas como “morre jovem aquele a quem os deuses amam” (sentença 1.425) aparecem, na obra de Menandro, não em “um triste lamento”, mas, em geral, “para tirar sarro” de algum outro personagem (HUNTER, 2010, p. 186). Isso não impedia, porém, que essas declarações virassem provérbios que eram levados a sério e repetidos, de memória, em situações às quais se aplicassem.

CONCLUSÃO

Lesky (1985, p. 691) nos faz recordar do sincero elogio que Aristófanes de Bizâncio fez a Menandro quando disse que, em seu caso, era difícil saber se o poeta imitava a vida ou a vida, o poeta (ὦ Μένανδρε καὶ βίε, πότερος ἄρ' ὑμῶν πότερον ἐμιμήσατο). Além disso, a facilidade com que o dramaturgo expressa os dilemas e as contradições interiores da pessoa humana indica que “os acontecimentos que se desenvolvem na intimidade do homem às vezes são precursores dos acontecimentos externos e criam, dessa forma, os fundamentos para o desenlace feliz antes mesmo que esse seja indicado pelas circunstâncias externas” (LESKY, 1985, p. 691).

Esse paradigmático pensador grego tinha suas reservas quanto à ênfase no prazer como elemento isolado do processo educativo. Essa desconfiança se espelhava em sua consideração, mais ampla, dos aspectos corriqueiros da vida. Segundo Menandro (1970, v. 4), em sua sentença 1.184, Ἐξ ἡδονῆς γὰρ φύεται τὸ δυστυχεῖν, “é do prazer que brota o infortúnio”. Por isso, Lowe (1987, p. 137) conclui que “o interesse de Menandro se volta, em última análise, mais para as naturezas humanas do que para as sociedades humanas, e o que parece atraí-lo mais nesse cenário não são os obstáculos em si, mas a disposição dos personagens para aceitá-los e até reforçá-los”.

Resta-nos decidir como entenderemos as máximas e ditos de Menandro. Ao afirmar, por exemplo, que “educar é esfolar”, será que o poeta simplesmente expressava uma constatação da prática comum na educação de sua época? Ou seja, será que o poeta descrevia mais do que prescrevia esse comportamento? Ou será que, em vez disso, o poeta acreditava que uma educação bem-sucedida deveria exigir sacrifícios e esforços, dedicação e sofrimento? Com respeito aos ouvintes desses ditos, Hunter (2010, p. 193)

declara que a evidência sugere que “sua plateia gostava de escutar tais passagens” e, por isso, os poetas “exploravam o efeito moralizante para criar uma surpreendente variedade de efeitos humorísticos”. Finalmente, questionamos se devemos mesmo atentar para essas opiniões perdidas na névoa do tempo e que podem simplesmente revelar o grau de ignorância de quem as emitia. Mesmo considerando que “esfolar” aparece em uso metafórico, podemos supor que os professores de nossa iluminada época devam mesmo impor algum grau de sofrimento aos inocentes aprendizes que queiram galgar os degraus do conhecimento? Se duvidamos de que as comédias e as frases de efeito de Menandro possam nos ajudar a obter uma resposta criteriosa para essa indagação, talvez possamos concordar que tais comédias seriam um lugar ideal para levantar essa pergunta.

REFERÊNCIAS

APOSTÓLIO, Miguel. *Collectio paroemiarum*. In: VON LEUTSCH, E. L. (Ed.). **Corpus paroemiographorum Graecorum**. Hildesheim: Olms, 1958. v. 2, p. 233-744.

ARISTOPHANES. *Knights*. In: HENDERSON, Jeffrey (Ed.). **Aristophanes: Acharnians, Knights**. Cambridge: HUP, 1998. p. 219-405.

ARISTOPHANES. *Frogs*. In: HENDERSON, Jeffrey (Ed.). **Aristophanes: Frogs, Assemblywomen, Wealth**. Cambridge: HUP, 2002. p. 1-235.

DEL CORSO, Lucio. A tale of mummies, drinking parties, and cultic practices: submerged texts and the papyrological evidence. In: COLESANTI, Giulio; LULLI, Laura (Eds.). **Submerged literature in ancient Greek culture: case studies**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 269-287.

EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **Historia de la literatura clásica**. Versión: Federico Zaragoza Alberich. Madrid: Gredos, 1985.

HADAS, Moses. **A history of Greek literature**. New York/London: Columbia University Press, 1965.

HUNTER, R. L. **A comédia nova da Grécia e de Roma**. Tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves *et al.* Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

LESKY, Albin. **Historia de la literatura griega**. Versión: José María Díaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Gredos, 1985.

LOWE, N. J. Tragic space and comic timing in Menander's *Dyskolos*. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, n. 34, p. 126-138, 1987.

MARTIN, Richard P. **Gnomes in poems: wisdom performance on the Athenian stage**. Stanford University, 2005. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1426870>. Acesso em: 8 jan. 2021.

MENANDER. *Menandri et Philistionis sententiae*. In: KOCK, T. (Ed.). **Comicorum Atticorum fragmenta**. 2. ed. Leipzig: Teubner, 1959. v. 2 & 3.

MENANDER. *Sententiae*. In: MEINEKE, A. (Ed.). **Fragmenta comicorum Graecorum**. Berlin: Reimer, 1970. v. 4.

MENANDER. *Dyscolus*. In: SANDBACH, F. H. (Ed.). **Menandri reliquiae selectae**. Oxford: Clarendon, 1972. p. 47-91.

MINN, H. R. Classical Reminiscence in St Paul. **Prudentia**, v. 6, n. 2, p. 93-98, 1974.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução: Maria Helena O. O. Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

O'BRYHIM, Shawn. Menander and Greek new comedy. In: O'BRYHIM, Shawn (Ed.). **Greek and Roman comedy**: translations and interpretations of four representative plays. Austin: University of Texas Press, 2001. p. 83-146.

OLDFATHER, W. A.; DALY, L. W. A quotation of Menander in the pastoral epistles? **Classical Philology**, v. 38, n. 3, p. 202-204, 1943.

PLUTARCH. *Comparationis Aristophanis et Menandri compendium*. In: FOWLER, Harold N. (Ed.). **Moralia**. Cambridge: HUP, 1936. v. 10.

RANCE, Philip. "Win but do not overwin": the history of a proverb from the *Sententiae Menandri*, and a Classical allusion in St. Paul's Epistle to the Romans. **Philologus**, v. 152, n. 2, p. 191-204, 2008.

QUINN, Jerome D. Menander and his proverbs. **The Classical Journal**, v. 44, n. 8, p. 490-494, 1949.

TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins fontes, 2000.

TRYPANIS, C. A. **Greek poetry from Homer to Seferis**. London/Boston: Faber & Faber, 1981.

TZIFOPOULOS, Yannis Z. Proverbs in Menander's *Dyskolos*: the rhetoric of popular wisdom. **Mnemosyne**, v. 48, n. 2, p. 169-177, 1995.